

As artes mnemônicas permitem-nos transitar do literalismo à imaginação. São práticas estéticas e políticas. Podem circunscrever o entendimento, tornando-o prático e funcional – propriedades das doutrinas e da educação para a salvação do homem. mas podem também alegorizar o mundo, nosso mundo, criar e cultivar alma. Sua permanência nas sociedades tecnológicas serve ao mercado de reprodução de imagens, sons e palavras. Mas a Arte da Memória¹ não servem apenas para lembrar, não são apenas formas de enfrentar o esquecimento, a morte e a ausência. De alguma forma são apelos do passado, no sentido que Benjamin nos ensinou:

*O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente.*²

Para demonstrar que o livro *Orbis Sensualium Pictus* de João Amós Comenius participa de alguma forma dos sistemas da memória do Renascimento³, precisamos ‘escutar’ ecos do passado. Sendo assim, o livro *Labirinto do Mundo*, escrito por Comenius no início do seu exílio, tornou-se um ruído em nossa idéia de continuidade histórica. Com o *Labirinto do Mundo* em mente, *Orbis Pictus* não se tornou apenas uma proposição, uma revelação para o futuro, ou seja, para nós, no presente. *Orbis Pictus* é uma forma de esquecer o passado, uma forma de ocultamento, de fazer com que a dor não seja sofrimento. Assim, escrever sobre *Orbis Pictus* tornou-se também uma forma de pensar sobre as esperanças e as frustrações de Comenius em relação movimento Rosa-cruz, sobre as relações entre Comenius e Descartes.

Falta-nos ainda muito ler, estudar e pensar. Mas a primeira parte deste artigo é uma proposição de diálogo. Na segunda parte, olhamos para *Orbis Pictus*, contaminados por Frances Yates e Milton José de Almeida e por nós mesmos, um eu, construído na primeira parte do artigo. Nesta segunda parte procuramos demonstrar ao leitor a razoabilidade de pensar *Orbis Pictus* como um sistema das Artes da Memória.

No Labirinto do Mundo de Comenius

Em 1637 René Descartes publica *Discurso do Método*. Vinte anos depois, João Amós Komensky, ou Comenius, em 1657, publica *Didática Magna*. Tanto o autor francês, nascido em 1596 na cidade de La Haya, quanto o morávio Comenius, nascido em 1592 em Uberský, ou talvez em Nivnice, viveram as

1 Refiro-me aqui ao sentido que Francês Yates usa em seu livro *El arte de la memoria*. Madrid: Taurus ediciones, 1974.

2 BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. (1940). In Walter Benjamin - Obras Escolhidas: *Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993, pp.222-232. (vol.1).

3 Pergunta de Yates: *Por que, quando a invenção da imprensa parecia tornar desnecessárias a herança das grandes memórias artificiais góticas da Idade Média, se reviveu o interesse pela arte da memória nas formas estranhas que encontramos nos sistemas renascentistas de Camillo, Bruno y Fludd?* (obra citada, 1974, p.8-9)

vicissitudes da Guerra dos Trinta Anos, cujo início é costume marcar na célebre *Defenestração de Praga* (23 de Maio de 1918).

A obra de Comenius, publicada em 1657, é comumente assim intitulada: *Didática Magna Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*. Na verdade suas *Opera Didáctica Omnia* são publicadas pela primeira vez em Amsterdã recomendada pelo senado da cidade e subsidiada por Lourenço De Geer, embaixador da Suécia naquela cidade.

As *Opera Didactia Omnia* são, na verdade, constituídas por quatro livros; a primeira parte, que abre com a *Didactia Magna*, contém as obras começadas na Boêmia a partir de 1627 e terminadas na primeira estadia em Leszno (1642); a segunda compreende as obras escritas de 1642 a 1650, na Suécia; a terceira as obras compostas em Sárospatak, de 1650 a 1654; a quarta, finalmente, é uma compilação de oito tratados compostos em Amsterdã.

Antes fazer a saudação aos leitores, Comenius escreve, segundo a edição portuguesa:

Processo seguro e excelente de instituir, em todas as comunidades de qualquer Reino cristão, cidades e aldeias, escolas tais que toda a juventude de um e de outro sexo, sem excetuar ninguém em parte alguma, possa ser formada nos estudos, educada nos bons costumes, impregnada de piedade, e, desta maneira, possa ser, nos anos da puberdade, instruída em tudo o que diz respeito à vida presente e à futura, com economia de tempo e de fadiga, com agrado e com solidez.

*Onde os **fundamentos** de todas as coisas que se aconselham são tirados da própria natureza das coisas; a sua **verdade** é demonstrada com exemplos paralelos das artes mecânicas; o **curso dos estudos** é distribuído por anos, meses, dias e horas; e, enfim é indicado um **caminho** fácil e seguro de pôr estas coisas em prática com bom resultado.*

A proa e a popa da nossa Didáctica será investigar e descobrir o método segundo o qual os professores ensinam menos e os estudantes aprendem mais; nas escolas, haja menos barulho, menos enfado, menos trabalho inútil, e, ao contrário haja mais recolhimento, mais atrativo e mais sólido progresso; na Cristandade, haja menos trevas, menos confusão, menos dissídios, e mais luz, mais ordem, mais paz e tranqüilidade.

Que Deus tenha piedade de nós e nos abençoe! Faça brilhar sobre nós a luz da sua face e tenha piedade de nós! Para que sobre esta terra possamos conhecer teu caminho, ó Senhor, e a tua ajuda salutar a todas as gentes (Salmo 66, 1-2)⁴

Antes da Guerra dos trinta Anos, Comenius vivia em sua terra natal lecionando como pastor de Fulnek, na Morávia, e era reitor das escolas dos Irmãos. Comenius havia escrito em 1917 *Do Papado: preocupações contra as seduções anticristãs*, mas o ambiente político-religioso não permite editá-lo. Em 1618, Comenius, depois da sua nomeação como pastor, começa a escrever as *Cartas ao Céu*, em que preconiza uma solução dos problemas sociais pela aplicação dos princípios cristãos. Ensina apicultura aos seus paroquianos e instrui seus alunos ao ar livre, na orla da floresta, para que estes possam conhecer e amar a natureza.

Durante o inverno de 1619-1620 a Boêmia foi governada por Federico V, eleitor Palatino e sua esposa, a princesa Isabel, filha de James I, rei da Inglaterra. Neste período, os Irmãos Morávios, Irmandade da qual Comenius fazia parte, tiveram ampla liberdade de atuação. No final do ano de 1620, no entanto, Federico foi derrotado pelo exército católico liderado pelas forças do Duque da Baviera (no qual fazia

4 COMÉNIUS, João Amós. *Didáctica Magna – Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985, p.43

parte Descartes), reafirmando, segundo Yates, a dominação da Casa da Áustria na Europa. O período que se seguiu na Boêmia foi de perseguições e execuções. Em 1621 a cidade de Fulnek é saqueada e queimada, Comenius perde sua biblioteca e seus manuscritos, refugiando-se nas terras do conde de Zerotan, Carlos, em Brandeis. É aí, em 1623, depois do desterro, de ter perdido sua mulher e seus dois filhos e de ter sua igreja proscrita que Comenius começa a escrever *O Labirinto do Mundo*. Considerado o décimo terceiro escrito de Comenius, vem a público somente em 1631, em uma edição sem indicação de lugar. O livro, em sua forma, assemelhar às “Utopias” escritas na época, no entanto, esta comparação só tem sentido dentro das considerações que Frances Yates faz em relação ao livro:

O ‘Labirinto do mundo’ de Comenius é uma cidade dividida em muitos bairros e ruas, onde estão representadas todas as ciências, os conhecimentos e as ocupações cultivadas pelos homens. Como a Cidade do Sol de Campanella, é um sistema mnemônico arquitetônico onde se expõe toda a enciclopédia. Obviamente, o Labirinto tem muita influência da ‘Cidade do Sol’ de Campanella e também, provavelmente, da ‘Cristianópolis’ de Andréas

*Semelhante cidade tinha que ser ao mesmo tempo uma utopia, uma cidade ideal e um projeto de mundo reformado do futuro, porém Comenius como reação às esperanças perdidas dos anos anteriores, de maneira que sua cidade, que é um labirinto, é o oposto da utopia, porque em um labirinto tudo está mal feito. Aí as ciências do homem não conduzem a nada; todas as suas ocupações são inúteis e todos os seus conhecimentos são frágeis. Na realidade, este livro ilustra o estado de ânimo de uma pessoa prudente e idealista depois que se instalou a Guerra dos Trinta Anos.*⁵ (p.202)

Até aqui as interpretações de Yates confirmam outros autores, como Correia⁶, Gasperin⁷ e Colombo⁸. Mas Yates acrescenta algo um pouco esquecido nas biografias de Comenius, suas relações com o movimento Rosa Cruz que explode pouco antes da empresa de Federico V na Boêmia. Continua Yates a respeito do Labirinto:

*Também é a história das decepções que o levaram a este estado de desespero, ou seja, a história do movimento Rosa Cruz. Teremos que citar em toda sua extensão o que Comenius disse a este respeito. O capítulo 12^a leva o título de ‘O peregrino contempla os rosa-cruz’ abaixo do qual figura esta nota: ‘Fama fraternitatis anno 1612. Latine ac Germanice edita’. Com isso podemos estar absolutamente seguros de que o autor se refere ao primeiro manifesto Rosa Cruz, a que atribui uma data de publicação anterior em dois anos em relação à edição mais antiga que se conhece.*⁹

Este acréscimo da historiada inglesa permite-nos imaginar uma conexão histórica entre Comenius e a Arte da Memória, forma pela queremos abordar a obra *Orbis Sensualium Pictus* escrita em Sárospatak na Hungria em 1657, mas publicada somente em 1658 em Nuremberg.

Recorreremos ainda a Yates para fortalecer o vínculo entre Comenius e a Arte da Memória. Para isso, mencionemos brevemente relações entre o morávio Comenius, o Renascimento italiano e autor inglês Robert Fludd. Afirma Yates:

A filosofia de Comenius, que começou a desenvolver-se imediatamente depois da sua visita a

5 YATES, Frances A. O iluminismo Rosacruz. México: Fondo de Cultura Económica, 2001. p.202

6 CORREIA, Joaquim Ferreira. *Introdução*. In COMÊNIO, João Amós. *Didáctica Magna – Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

7 GASPARIN, João Luiz. *Comênio ou da arte de ensinar tudo a todos*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

8 COLOMBO, Luis Augusto B. O projeto de Comenius: um paradigma para o ciberespaço. Dissertação de mestrado. Publicação eletrônica sítio: <http://www.uniespirito.com.br/teses/comenius.pdf> Acessado em 19 de fevereiro de 2005.

9 Obra citada, 2001, p.202

Heidelberg, e que chegou a sua visão completa em seus anos de maturidade, passados no exílio foi chamada por ele mesmo 'pansofia'. Esta palavra empregada pela primeira vez no Renascimento pelo filósofo platônico-hermético Francesco Patrizzi¹⁰ expressava uma doutrina de harmonias universais e uma relação entre o mundo íntimo do homem e o mundo externo da natureza, ou seja, em resumo, uma filosofia macro-microcósmica. Fludd havia dado a suas doutrinas a o nome de 'pansofia', explicando que os manifestos rosa-cruzes, em sua opinião expressavam uma doutrina semelhante à sua. Agora podemos ver que Comenius e sua pansofia emanam diretamente do movimento Rosa Cruz, tal como atualmente conhecemos.¹¹

Feita esta pequena demonstração histórica, cumpre-nos demonstrarmos a contaminação das Artes da Memória no livro *Orbis Pictus* de Comenius.

Orbis Sensualium Pictus

Numa conferência na Finlândia sobre o livro de Comenius o expositor Pikkarainen¹² afirma:

Talvez, o mais conhecido e importante livro de Comenius é o 'Orbis Pictus'. A sua história foi que Comenius primeiramente escreveu um livro de língua latina chamado 'Janua'¹³ e teve a possibilidade de tentar sua 'pampédia' em algumas escolas, mas os alunos eram surpreendentemente iletrados e não podiam usar a 'Janua'. Então, ele começou a escrever um livro que pudesse ser útil para crianças desde totalmente iletradas até iniciantes em latim, como segunda língua. Ao mesmo tempo seu livro era uma introdução ao mundo como um todo. Este foi um dos muitos inventos de Comenius: que a linguagem não era pensada separadamente, porém ela seria aprendida ao mesmo tempo em que as coisas características importantes do mundo. Este livro contém 150 figuras nas quais muitos detalhes são indexados numericamente. Toda imagem tem um pequeno trecho com a descrição geral e um pequeno trecho específico dos índices numéricos. O texto era bilíngüe, a língua-mãe e o latim.

Para Farné¹⁴ *Orbis Pictus* é uma pequena enciclopédia que apresenta o saber elementar, didaticamente organizado sobre a base de imagens e palavras. Na introdução Comenius explica o significado geral da obra, composta de três elementos: as figuras, as nomenclaturas, as descrições: as figuras são como tantas representações de tudo o que nos é visível no mundo; as nomenclaturas são como inscrições ou título postos sobre cada uma das figuras, que exprimem com uma só palavra geral o significado conhecido; as descrições são explicações das partes singulares da figura.

Lora¹⁵ tem o propósito de olhar obra de Comenius como produto cultural, para isso assume os pressupostos teóricos da sociologia da cultura, em particular, Pierre Bourdieu, abordando a obra como

10 Um dos livros que compõe a *Nova de Universis Philosophia* de Patrizzi (1592), se chama '*Pansophia*'. Patrizzi havia recomendado o ensino da filosofia hermético-platônica, que em sua opinião era um meio mais eficaz que as 'censuras eclesiásticas' ou 'a força das armas' para lograr para que o povo regressasse ao seio da Igreja; cf. *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, p.345 (nota da autora).

11 Obra citada, 2001, p.209-10.

12 Fonte: <http://www.wedu oulu.fi/~epikkara/comenius/fatecom.htm> (site em inglês) (Pikkanainen, Esa. J. A. Comenius. *Education and different kind of technologies: a conceptual study*. Finlândia, Universidade de Oulu, acesso 22 de maio de 2002

13 Porta ou entrada em latim (nota minha)

14 FARNÉ, Roberto. *Iconologia Didattica*. Bologna : Zanichelli editore, 2005, p.24

15 LORA, Ma. Esther Aguirre. Enseñar con textos e imágenes. Una de las aportaciones de Juan Amós Comenio. México.DF. Universidad nacional Autónoma de México – Centro Cultural Universitario (Recibido: 29 de octubre de 2000; aceptado para su publicación: 16 de enero de 2001). Centro de Investigación MANES.

um livro que nos fala das circunstâncias que este se produz: quem é o autor, quais são seus compromissos intelectuais, para que público escreve, quais as tensões presentes na sociedade, quais as atmosferas culturais deste momento histórico e desta região em particular. Lora elege três tradições culturais que convergem em *Orbis Pictus*: as que se referem ao ensino do latim; as que se referem à organização do conhecimento na época; as que se referem ao emprego da imagem para como apoio para o ensino.

Nesta perspectiva, Lora entende *Orbis Pictus* como uma resposta a algumas das críticas que os educadores vinham delineando em torno da escola desde o Renascimento, cuja preocupação era a renovação desta instituição atravessada pelo já inaceitável formalismo escolástico de acordo com as exigências que delineavam os signos dos novos tempos. Afirma Lora:

*“As críticas aos processos formativos eram constantes e se expressavam através de diversos meios; desde as referências aos pensadores mais conhecidos e as próprias experiências sofridas até as sátiras, as artes cênicas e as artes plásticas que põem o dedo na chaga das deficiências da vida escolar. Alvo de críticas é a extensão dos anos formativos em comparação com os exíguos resultados obtidos, a inutilidade dos conteúdos e dos métodos de ensino, a violência e arbitrariedade dos caminhos recorridos, a desordem nas escolas, a falta de locais apropriados, as carências de todo tipo daqueles que se dedicam ao ensino. [...] Rabelais, Erasmo, Vives, Montaigne, Locke, Loyola, Ratke, Descartes, Bacon e muitos mais abundam neste tipo de crítica e imaginam novas formas de escolarização. Seus escritos constituem valiosos testemunhos em relação ao estabelecimento do campo das teorias pedagógicas, precisamente no início da modernidade”.*¹⁶

Seriam estas observações projeções do presente sobre o passado ou, quando pensamos educação, não há nada de novo sobre o sol?

Para nós Comenius não é “um homem do seu tempo”, nem vive em um “momento de transição”. Imaginamos outro personagem: Comenius é o peregrino do seu próprio *Labirinto do Mundo*.

Embora não compartilhe com os sentidos que Lora, Farné e Colombo querem atribuir a *Orbis Pictus*, eles nos ajudam, e muito, a compreender a estrutura da obra.

Farné nos diz que *Orbis Pictus* apresenta 150 argumentos¹⁷, 150 “unidades didáticas”;

As primeiras 17 unidades, que iniciam com Deus e O Mundo, se referem aos elementos naturais (fogo, ar, água, terra) e tratam dos diversos aspectos do mundo vegetal (frutas, flores, ervas, etc.). [...] As 17 unidades seguintes se referem ao mundo animal e iniciam com os diversos tipos de pássaros (domésticos, canoros, selvagens, etc.). [...] Ao homem só é dedicado o outro capítulo (do XXXV ao XLIII). Esses se referem ao conhecimento do corpo, iniciando das partes externas (membros, cabeça, mãos) para depois passar para as internas (intestino, ossos) e a alma. [...] Se passa depois a analisar as diversas atividades do homem: as primeiras 14 se referem a atividades diretamente dirigidas à produção do alimento (agricultura, criação, caça, pesca, padeiro, etc.) terminam com A refeição. A esta seguem 13 que tratam das profissões ligadas ao vestuário (a tecelagem, o alfaiataria, a sapataria, etc.) a à construção (o pedreiro, o engenheiro, o carpinteiro, o ferreiro, etc.). [...] os sete argumentos que vão do LXXI até o LXXVI referem-se às partes da casa e se completam com os lugares destinados à limpeza e à higiene: o banho, a barbearia (que é também o, lugar onde se praticam sangrias e pequenas cirurgias), o estábulo dos cavalos. [...] Encontramos depois três temas que se referem às

¹⁶ Lora, obra citada, p.3

¹⁷ Em italiano: argomenti – Ciò che serve a dimostrare l'esistenza di una cosa, prova.

técnicas e aos instrumentos de representação do tempo e do espaço; os relógios, a pintura, espelhos e ótica. Seguindo nove unidades relativas ao movimento e aos transportes do homem e das mercadorias, que vão de “O Viajante a pé” a “O Nadador” de “Os carros” a “A nau”. O tema e a representação do “Naufrágio” que encerram esta seção com um tom espetacular e dramático. [...] A leitura e a escrita são os temas que unem os nove capítulos de XCI a XCVIII¹⁸ e compreendem, em meio a outros, a carta, a tipografia, o livro, a escola. Estas constituem um tipo de premissa às diversas artes que vêm ilustradas em seguida [...] Nove argumentos tratam das virtudes humanas (prudência, fortaleza, generosidade, etc.) o qual segue o tema da família subdividido em quatro argumentos (matrimônio, graus de parentesco, condição do pai e da mãe, jurisdição parental). A atenção se alarga da família à cidade, analisada através de 15 argumentos. [...] É interessante notar que metade deste guardam aspectos muito propriamente cívicos (o comércio, a justiça, a medicina, etc.) enquanto a outra metade os argumentos são dedicados a ilustrar as diversas formas de espetáculos e de jogos e brincadeira que acontecem na cidade. [...] Da cidade o olhar estende-se ao Reino e ao País como entidade nacional. É este o pretexto para dedicar cinco unidades a mesma temática do tipo militar (o soldados, a acampamento militar, o exército em ordem de batalha, a batalha naval, o cerco da cidade). [...] Os últimos sete argumentos são dedicados à religião segundo uma ótica pedagógica que, ainda que tendo o cristianismo como próprio fundamento, se abre também o conhecimento das outras religiões”.¹⁹ (p.27-8)

Em relação às imagens, Farné menciona o aparato iconográfico de Orbis:

A marca xilográfica caracteriza as imagens sobre a base de uma essencialidade do traço que, em muitos casos, limita-se a sugerir mais que representar o detalhe. O fundamento visual concebe cada imagem como um microcosmo no qual se passa do geral para o particular através de uma leitura guiada na qual nada é supérfluo e cada elemento ocupa seu próprio posto e assume o próprio significado sobre a base de uma ‘ordem das coisas’ que não responde só às de instâncias. Neste sentido, o Orbis Pictus que coloca em evidência uma dos traços mais modernos da pedagogia, na síntese de uma síntese rigorosa de instrução e educação, onde a transmissão e a aprendizagem do conhecimento constroem progressivamente uma ‘visão de mundo’ do qual as imagens são o elemento concreto para acelerar a sua compreensão. [...] As imagens de Orbis são de composições em que se copiam elementos que provêm de diferentes âmbitos iconográficos e que evidenciam referências científicas e culturais diversas, às vezes contraditórias.²⁰ (p.29)

Lora, assim como Farné, destaca a diversidade de referências iconográficas do livro de Comenius. Porém Lora procura encontrar uma motivação diferente para esta composição de Comenius; para ela, os capítulos ou argumentos dão conta do conhecimento e da percepção da realidade dos homens do século XVII, de uma maneira total. Trata-se de verdadeiros quadros da época. Destaca a autora mexicana:

Seu autor, desde o próprio subtítulo da obra, promete: ‘imagens e nomes de todas as coisas fundamentais no mundo e nas atividades da vida’. Mais adiante, no próprio Prefácio, assinala: ‘é um breviário do mundo todo de toda a língua’ e novamente se refere ao livro chamando-o ‘nossa pequena enciclopédia das coisas sensíveis’. Com efeito o conteúdo que se aborda é enciclopédico.²¹

Lora destaca ainda uma motivação pedagógica da escolha e organização do conteúdo de Orbis:

18 Aqui há um engano do autor, pois são oito capítulos e não nove.

19 Farné, obra citada, p.27-8.

20 Farné, obra citada, p.29

21 Lora, obra citada, p.6

*Resulta interessante destacar, a respeito dos conteúdos que delineiam esta obra, e esta seria a qualidade de sua orientação enciclopédica em comparação a outras buscas e propostas totalizadoras de distintos pensadores, feitas em tempos e espaços também diversos, que seus fundamentos também procedem do movimento pedagógico conhecido como realismo, cuja intenção era por o aluno em contato com a realidade que o circunda, com as coisas, não só com as palavras e com o que os outros escreveram sobre elas.*²²

Apesar de uma possível motivação pedagogia de Comenius apontada por Pikkarainen, por Lora e por Farné, o que, às vezes, dá-nos a impressão de querer atribuir ao autor morávio um certo caráter de genialidade, parece-nos que estes autores projetam sobre Comenius e sobre *Orbis Pictus* a angustia de todos os educadores para encontrar soluções (mesmo que parciais) para os problemas de ordem prática da educação. Este olhar talvez seja legítimo, mas fecha-se à possibilidades de imaginar outras conexões históricas entre o morávio e sua obra. Comenius, assim como cada um de nós, não era apenas um educador. Suas ‘motivações’ possivelmente não se limitavam aos problemas da prática de ensinar. Tanto quanto é impossível saber todo o conteúdo mental e emocional que levou Comenius a escrever *Orbis Pictus*, nos é também temerário circunscrever todos eles. Resta-nos descobrir em nós, hoje, o que nos leva a pensar, estudar e estressar *Orbis Pictus*. Embora não possamos tirar desta forma de pesquisa nenhum resultado de ordem prática para apresentar às angustias que o ensinar envolve, podemos, ao menos, propor este caminho da imaginação, ou seja, de imaginar conexões históricas, para aprofundar possíveis significados da presença e permanência desta obra em nossa sociedade, ou pelo menos, em alguns círculos da educação.

As ‘regras’ da Arte da Memória

Se nós queremos demonstrar que *Orbis Pictus* participa da Arte da Memória²³, devemos aclarar algumas definições deste campo. Estas definições nos chegam através do livro de Frances Yates “La Arte de la Memoria”.

Já no prefácio Yates afirma:

O tema deste livro há de resultar pouco familiar à maioria dos leitores. Poucos sabem que os gregos, que inventaram muitas artes, inventaram também uma arte da memória que, como igual às outras artes passou a Roma, de onde descendeu a tradição européia. Esta arte ensina a memorizar valendo-se de uma técnica mediante a qual se imprimem na memória ‘lugares’ e ‘imagens’. Em geral, tem sido classificado como ‘mnemotécnica’, capítulo da atividade humana que nos tempos modernos carece muito de importância. Porém, na época anterior à imprensa, o adestramento da memória era de extraordinária importância; e, por outro lado, a manipulação de imagens na memória envolve, em certa medida a psique como um todo. Além disso, uma arte que emprega a arquitetura contemporânea para os seus lugares da memória e a imaginação contemporânea para suas imagens, ha de ter, em igual com as outras artes, seus períodos clássico, gótico e renascentista. Mesmo que o lado mnemônico da arte esteja sempre presente, tanto na Antigüidade, como posteriormente, e constitui a base factual

22 Lora, obra citada, p.6

23 Nossa pesquisa gira em torno de uma aproximação de Comenius com Robert Fludd e, com o sistema do teatro da memória deste último. Mas é possível ainda encontrar possíveis permanências do ramismo como Arte da Memória em *Orbis Pictus*. Não é possível apresentar estes estudos neste texto.

de sua investigação, contudo, a exploração da arte da memória há de incluir algo mais do que a história de suas técnicas. *Mnemósyne*, diziam os gregos é a mãe das musas; a história da educação desta faculdade humana, uma das mais fundamentais e evasivas, nos submergirá em águas profundas.²⁴

Mais adiante, no capítulo 1, Yates, reafirma a expressão Arte da Memória:

Nós, modernos desprovidos por completo de memória, podemos, como o professor, ver-nos, às vezes, no caso de empregar alguma *mnemotécnica* pessoal sem importância para nossa vida ou profissão. Porém, para o mundo antigo - carente de imprensa, sem papel para tomar notas ou datilografar conferências, o adestramento da memória era de fundamental importância. E as memórias da antiguidade eram educavam através de uma arte que refletia a arte e a arquitetura do mundo antigo e que possivelmente dependia de uma intensa memorização visual que nós perdemos. Mesmo que a palavra *mnemotécnica* não seja de fato errada como descrição da arte clássica da memória, faz, contudo, que este tema, em verdade misterioso, pareça mais simples do que é.²⁵

Nestas duas citações aprendemos que a expressão Arte da Memória suscita a suspeita de que as palavras e as coisas, quando em sistemas mnemônicos podem querer dizer outras palavras e coisas. Neste sentido, reduzir sistemas complexos de memória de palavras e coisas, como *Orbis Pictus*, a uma perspectiva técnica, seja didática ou mnemônica, pode ser útil para uma transposição pedagogia ou para uma exemplificação de uma 'história da educação', mas é empobrecer a expressão Arte da Memória, que suscita ecos do passado que ainda querem ser ouvidos.

Vamos acompanhar o estudo de Yates sobre *Ad Herennium*²⁶ para visualizar *Orbis Pictus* como um sistema da Arte da Memória. *Ad Herennium* foi escrito por um desconhecido mestre de retórica, em Roma, cerca de 86-82 a.C. e era destinado aos alunos deste. O texto ficou imortalizado pelo nome da pessoa para quem ele escreveu e não pelo seu próprio nome. O autor trata das cinco partes da retórica – inventio, despositio, elocutio, memoria, pronuntiatio – e, quando chega à memória como parte essencial dos instrumentos do orador, abre ao capítulo com as palavras:

XVI. Agora voltemo-nos ao tesouro das invenções, à custódia de todas as partes da retórica, à memória.

Se a memória tem qualidades artificiais ou provém totalmente da natureza será discutido em outra oportunidade mais favorável. Nesta ocasião, aceitaremos como provado que nesta matéria arte e método são de grande importância, e trataremos do assunto adequadamente. De nossa parte, estamos satisfeitos por haver uma arte da memória cujos fundamentos explicaremos em outro lugar. Neste momento, mostraremos que tipo de coisa ela é.

Ha, então, dois tipos de memória: uma natural e outra artificial. A memória natural é aquela que está inserida em nossas mentes, nascida simultaneamente com o pensamento; a memória artificial e aquela que é fortalecida e conduzida pelo ensinamento da razão. Mas, como em todas as coisas, a excelência da natureza, muitas vezes, é superada pela doutrina, a arte, da mesma forma, reforça e desenvolve as vantagens da natureza, proveitosamente, conserva-as e as amplia pelas razões da doutrina. A memória natural, se a pessoa for dotada com uma excepcional, é, muitas vezes, como esta memória artificial, e esta memória artificial, por sua vez, fixa e aperfeiçoa as qualidades naturais pela arte do método.²⁷

24 Yates, obra citada, 1974, p.7

25 Yates, obra citada, p.16-7

26 Para uma versão completa deste texto, ver Memorando II do livro *Cinema Arte da memória* de Milton José de Almeida, obra já citada. Estamos trabalhando com esta versão em português. Única que tenho conhecimento no Brasil.

27 ALMEIDA, Milton José. *Cinema Arte da memória*, Campinas, SP: Autores Associados, 1999, p.67.

Segundo Frances Yates *Ad Herennium* era um texto bem conhecido e muito usado na Idade Média e foi fonte de inúmeros tratados de *Ars memorativa* no ocidente, sendo ainda que, os surpreendentes desenvolvimentos da arte da memória do século XVI (e início do XVII), conservam sobre todos os seus complexos incrementos, os contornos de *Ad Herennium*.

Tudo nos levar a crer que Comenius era conhecedor deste texto, assim como dos tratados que circulavam nos meios intelectuais, principalmente porque estudou na universidade Heldenberg, um dos principais centros intelectuais do final do século XVI e início do Século XVII. Comenius por diversas vezes cita Cícero, a quem por muitos anos foi atribuída autoria do texto *Ad Herennium*. Além disso, o vínculo de Comenius com comentadores do movimento rosa-cruz, particularmente com Robert Fludd, autor de um sistema de teatro da memória, era evidente e comprovado.

O que *Ad Herennium* pode ter ensinado Comenius para compor *Orbis Pictus*?

As considerações sobre memória artificial, são por si, indícios da preocupação de Comenius com a Arte da Memória. A idéia central de que as excelências da natureza podem ser aperfeiçoadas pela doutrina, pela arte e pelo método está permanentemente presente em *Didática Magna*, basta-nos citar o prólogo do capítulo XVI – *Requisitos gerais para ensinar e para aprender, isto é, como se deve ensinar e aprender com segurança, de modo que seja impossível não obter resultados*. Depois de citar parábola do semeador em Marcos, 4, 26 e ss. Comenius comenta:

2. Nesta parábola, o Salvador mostra que Deus é que faz tudo em todas as coisas, e que ao homem deixa apenas o cuidado de receber fielmente no coração as sementes daquilo que lhe ensina. Deus os fará germinar e crescer todas até ao seu pleno desenvolvimento, sem que o homem disso se aperceba. Por isso, aqueles instruem e educam a juventude não têm outra obrigação além de semear habilmente na alma dos jovens as sementes daquilo que tem de ensinar, e de regar cuidadosamente as plantinhas de Deus; o crescimento e o incremento virão por acréscimo.²⁸ (p.205-6)

Ensinar é semear. A inteligência, a virtude e a religião são inatas no homem. Mas o homem é um ser educável, não possui o saber, mas sim aptidão para o saber²⁹. Ainda sobre o ato semear, continua Comenius:

3. Quem ignora que, para semear e plantar, se exige uma certa arte e uma certa habilidade? Na verdade ao jardineiro, que ignora a arte de semear um jardim, morre a maior parte das plantinhas, e, se algumas crescem bem, isso depende mais do acaso que da arte. Se, ao contrário, ele é prudente, trabalha com empenho, e sabe o que deve fazer e o que deve deixar de fazer, e onde e quando e como, com certeza não há o perigo de ele fazer qualquer coisa inutilmente. O resultado pode, porém, uma ou outra vez, ser nulo mesmo para os peritos (porque é quase impossível ao homem fazer tudo com tanta lucidez que não seja, por vezes, de uma ou de outra maneira, induzido ao erro). Neste momento, todavia, não falamos nem de prudência³⁰ nem de acaso, mas da arte de prevenir os acasos com prudência.³¹

Comenius, neste mesmo capítulo, depois de afirmar que o método deve basear-se na arte, faz a seguinte ressalva :

5. Mas, como este fundamento não pode constituir senão em conformar, com o máximo cuidado

28 Comenius J A. Obra citada 1985, p. 205-6

29 Embora talvez fosse importante discutir a idéia de tábua rasa que Comenius apresenta no capítulo VI, não é oportuno neste momento. Pretendemos articular esta concepção de conhecimento em outro artigo.

30 As relações entre as virtudes, em particular a Prudência e a arte da Memória e os contornos que esta relação ganha me Comenius é outro assunto que mereceria ser aprofundado

31 Comenius J A. Obra citada 1985, p. 206

possível, as operações desta arte com as normas que regulam as operações da natureza (como vimos já, no capítulo XIV)³², perscrutemos os caminhos da natureza, servindo-nos do exemplo de uma ave que faz sair dos ovos os seus filhos; e, observando como os jardineiros, os pintores e os arquitetos seguem felizmente os vestígios da natureza, facilmente como eles devem também ser imitados pelos formadores da juventude.³³ (p.206-7)

Este paralelo entre as coisas naturais e artificiais é recorrente nos capítulos anteriores, XIII, XIV e XV. Não pudemos identificar claramente em nenhum momento se Comenius compartilha da idéia Cícero de que a arte aperfeiçoa a natureza, apesar deste ser uma dos autores citados pelo autor da *Didática Magna*. No entanto, a idéia de que a ordem exata de tudo é um dos fundamentos da reforma das escolas, lembramos que a ordenação é uma das regras da Arte da Memória. Voltemos a Francês Yates em sua tentativa de compreender *Ad Herennium*.

A Arte da Memória baseia-se em locais e imagens. Vemos em *Ad Herennium*:

“A memória artificial inclui: **locais e imagens**. Chamamos de locais aqueles que, por natureza ou artificialmente, representados em pequena escala, completos e notáveis, podemos deles apoderarmos e abrangê-los facilmente pela memória natural, como uma casa, um espaço entre colunas, um canto, um arco e outras coisas semelhantes. Imagens são formas, sinais e representações de coisas que desejamos lembrar; por exemplo, se nós desejamos recordar um cavalo, um leão, ou uma águia é bom que coloquemos suas imagens em locais determinados. Agora exporemos que tipos de locais inventar e de que modo descobrir as imagens e nele colocar.”³⁴

Sobre os locais:

“XVII. Aqueles que sabem as letras do alfabeto podem assim escrever o que é lhes ditado e ler em voz alto o que escreveram. Da mesma forma, os que aprenderam mnemotécnica podem colocar em locais o que ouvirem e a partir da memória, liberá-lo. Pois os locais são parecidos com as tavoletas de cera ou papiro, as imagens com letras, o arranjo e a disposição das imagens com a escrita e a liberação com a leitura. Devemos então, se desejarmos memorizar um grande número de itens, reunir um grande número de locais de forma que neles possamos fixar um grande número de imagens. Penso, igualmente, ser obrigatório ter esses em uma série, de maneira que nós não sejamos, perturbados por confusão em sua ordem, impedidos de seguir a seqüência das imagens - e possamos, a partir de qualquer local, qualquer que seja seu local na série, ir em qualquer direção, para frente ou para trás – nem de dizer aquilo que foi atribuído ao local; [...]

XVIII. Por exemplo, se queremos ver um grande número de nossos conhecidos em uma certa ordem, não fará nenhuma diferença a nós se começarmos a dizer seus nomes a partir do primeiro, do meio ou do fundo. Igualmente com respeito aos locais, se estes forem organizados em ordem, o resultado será que, a partir de qualquer local e recordados pelas imagens, podemos dizer aquilo que atribuímos aos locais. Pelo que é melhor organizar os locais em uma ordem.

Os locais que adotarmos deverão sê-lo com o máximo cuidado para que possam estar fixos em nós para sempre, pois as imagens, como as letras, apagam-se quando não se faz uso delas, mas os locais, como as tavoletas de cera, devem permanecer. E, para que não erremos no número de locais, cada quinto local deverá ser marcado; por exemplo, se no quinto colocarmos uma mão dourada, e no

32 Este é outro ponto que merece aprofundamento, pois é neste que a natureza ganha a metáfora do relógio – capítulo XIV item 7. (de quebra há uma citação de Cícero)

33 Comenius J A. Obra citada 1985, p. 206-7

34 In Almeida, obra citada, p.67-8.

*décimo algum conhecido cujo prenome seja Decimus, será então fácil, colocar marcas semelhantes em cada quinto local sucessivo.”*³⁵

Chama a atenção de Yates a incrível precisão visual que os locais implicam. É uma construção visual em que se pode até medir o espaço entre os locais; parecem regras que remetem de um hábito social esquecido. Yates comenta: *Quem é aquele homem que caminha lentamente por um edifício solitário, e se detém a intervalos com expressão atenta? É um estudante de retórica que está formando um conjunto de locais da memória?*³⁶

Este comentário de Yates lembra *Invitation* que abre *Orbis Pictus*. Em um cenário aberto tendo as coisas da natureza e as coisas feitas pelo homem ao fundo, o mestre conversa com o *puer*:

M.: Venha garoto, aprenda a ser sábio.

P: O que fazer para ser sábio?

M: Aprender tudo o que é necessário, o conhecimento correto, o agir correto e correta eloquência

P: Quem me ensinará isto?

M: Eu, com Deus

P: Como?

M: Olhe para si mesmo e para tudo, revele a si mesmo e a tudo, nomeie a si mesmo a tudo.

P: Olhe, aqui estou, ensine-me em nome de Deus.

M: Antes de tudo, debes aprender os sons simples, nos quais baseia-se a palavra humana; as criaturas sabem produzi-los, a sua língua é capaz de imitar e as suas mãos são capazes de pintar.

Posteriormente, ande pelo mundo e olhe tudo.

Aqui tens um alfabeto vívido e vocal.

A abertura do livro é um convite ao conhecimento. Dá-se a céu aberto. Vê-se o sol do lado direito do quadro. O conhecimento vincula-se a um caminho a ser percorrido. Uma caminhada visual através das páginas do livro. Em cada seção o *puer* irá encontrar as figuras que representam as coisas do mundo, a nome de cada coisa e a descrição de suas singularidades.

Quem é este *puer* que folheia lentamente o volume deparando-se com as coisas e as palavras? É o estudante das primeiras letras.

Porém, ao contrário do estudante de retórica do autor de *Ad Herennium* imaginado por Yates, para o estudante das primeiras letras de Comenius os locais a serem percorridos já estão dados, a imagem das coisas já está determinada e o nome das coisas já foi revelado, em latim e na língua pátria. Até mesmo a singularidade de cada coisa já está estabelecida através da descrição que acompanha a figura de cada coisa do mundo.

O mestre propõe ao *puer* que aprenda pelo que foi revelado por Comenius e depois ande pelo mundo e olhe tudo. O *puer* deve primeiro “andar” pelo mundo que já foi imaginado em *Orbis Sensualium Pictus*. *O mundo em imagens*³⁷ é o pré-requisito para conhecer o mundo das coisas e das palavras.

A arte da memória em *Ad Herennium* propõe ao estudante da retórica que crie seus próprios locais de memória. A Arte de ensinar de Comenius imagina para o estudante das primeiras letras as coisas do mundo e suas palavras. Didatizar é imaginar pelo outro. Neste sentido Comenius se afasta da Arte da Memória. Ao que parece fica apenas com algumas técnicas mnemônicas – organizar os conteúdos didáticos em locais (páginas, capítulos) seguindo uma determinada seriação e organização.

35 In Almeida, obra citada, 1999, p.68

36 Yates, obra citada, 1974, p.21

37 Título do livro em espanhol atribuído por Esther

Voltemos agora para a teoria das imagens em *Ad Herennium* acompanhando Yates. A primeira regra para as imagens, como já vimos, é que há duas classes de imagens, uma para coisas [*res*] outras para as palavras [*verba*]. A memória de coisas confecciona imagens para recordar um argumento, uma noção ou uma “coisa”; por seu lado a ‘memória de palavras’ tem que recordar imagens para recordar cada palavra individual. Comenta Yates:

Interrompo aqui por um momento concisão de nosso autor para recordar ao leitor que para o estudante de retórica ‘coisas’ e ‘palavras’ tinha um significado absolutamente preciso em relação com as cinco partes da retórica. Essas cinco partes da retórica as define Cícero do seguinte modo:

*Invenção é a imaginação de coisas verdadeiras [*res*], ou coisas similares à verdade de maneira que se faça a causa plausível; a disposição é a colocação ordenada das coisas descobertas; a evolução é a adaptação de palavras convenientes às [*coisas*] inventadas; a memória é a firme percepção pela alma de coisas e palavras; pronúncia é a modulação da voz e do corpo em congruência com a dignidade das coisas e palavras.*

*‘Coisas’ são pois a matéria do discurso; ‘palavras’ é a linguagem da qual a matéria se veste. [...] A primeira classe de memória artificial é a memoria rerum, a segunda é a memoria verborum; O ideal, segundo o definido por Cícero na passagem acima, seria a de ter uma firme percepção tanto de coisas quanto de palavras. Porém, a memória de palavras é muito mais árdua que a memória das coisas; os estudantes mais débeis de retórica do autor de **Ad Herennium** se assustavam ante a memorização de uma imagem para cada uma das palavras, e inclusive Cícero, como mais adiante veremos, admitia que a memória das coisas era suficiente³⁸ (p.21-22)*

Lembrem das razões que levaram Comenius a escrever *Orbis Pictus*. Segundo Pikkarainen, o que motivou o morávio foi justamente o fracasso de seu livro de língua latina *Janua*, porque os alunos eram absolutamente iletrados. Comenius uniu figuras e palavras para introduzir as crianças, ao mesmo tempo, segundo Pikkarainen, no mundo como um todo.

Se tomarmos isso como verdadeiro, mesmo considerando que as imagens não são as coisas. Lembremos, o que Yates ressalta ao citar Cícero – que a construção da memória tem que ser entendida em sua relação com as outras partes da retórica.

Orbis Pictus é uma narrativa do mundo. O mundo como um todo, nas palavras de Pikkarainen, é a matéria do discurso vestido de imagens e palavras na obra de Comenius. Segundo o raciocínio de Cícero, estas são invenções do autor que imaginou coisas verdadeiras, ou coisas similares à verdade que fossem plausíveis à causa, no caso o ensino. Comenius imaginou 150 argumentos e os dispôs em uma determinada organização, como vimos em Farné. Adaptou palavras convenientes às coisas que inventou. Tentou, desta forma, construir uma estratégia de imprimir uma firme percepção das coisas e das palavras na alma dos seus alunos e, por fim, no caso da narrativa de *Orbis*, deu às figuras e à escrita a forma de dignidade das coisas que inventou.

Deixemos de lado as inúmeras críticas que já foram feitas à retórica de Cícero, referentes aos seus objetivos e à sua lógica. Talvez fosse uma tarefa importante, mas que não nos arriscaremos neste texto. Este exercício serve apenas para afirmar que o que parece óbvio: toda obra em imagens e palavras contém uma escolha, uma invenção, uma imaginação.

Voltemos às regras das imagens seguindo a reflexão de Yates sobre a obra *Ad Herennium*:

Dissemos até agora as regras de locais e que classe de locais há de se escolher para memorizar. O que

38 Yates, obra citada, 1974, p. 21-2.

são as regras e que relação elas estão com as imagens para memorizar nos lugares? Chegamos agora a uma das mais estranhas e surpreendentes passagens do tratado, a saber, as razões psicológicas que o autor dá para a eleição de imagens mnemônicas:

XXII. Ora, a própria natureza nos ensina o que devemos fazer, quando na vida diária, vemos coisas mesquinhas, usuais, banais, geralmente não conseguimos recordá-las, porque a mente não recebe delas nenhum estímulo novo ou inabitual. Mas, se vemos ou escutamos alguma coisa de excepcionalmente baixo, vergonhoso, inabitual, grande, inacreditável ou ridículo costumamos recordá-los por muito tempo. Por esta razão, esquecemos habitualmente coisas vistas ou ouvidas pouco antes, mas recordamos muitas vezes, perfeitamente, da nossa infância. Não poderia ser assim, não fosse porque as coisas habituais fogem facilmente da nossa memória, enquanto aquelas excitantes e novas fixam-se por mais tempo na mente. Uma aurora, o percurso do sol, um crepúsculo não são surpreendentes para ninguém porque acontecem a cada dia. Mas os eclipses do sol são fonte de maravilha porque acontecem raramente, e os do sol maravilham mais ainda que os da lua, por serem estes mais freqüentes. Assim também, a natureza mostra não ficar perturbada por acontecimentos comuns e habituais, mas é abalada por um acontecimento novo ou extraordinário. A arte, a natureza, busca o que a natureza exige, elege-a sua guia, porque, em se tratando de invenção a natureza nunca vem por última e a doutrina, nunca em primeiro lugar, ao contrário, os começos das coisas surgem do talento natural e as conclusões são alcançadas pelas disciplinas.

Devemos, portanto, fixar imagens de qualidade tal que adiram o mais longamente possível na memória. E fá-lo-emos, se fixarmos aparências as mais extraordinárias, se fixarmos imagens que sejam, não muitas ou vagas, mas eficazes (imagens agentes), se atribuirmos a elas excepcional beleza ou feiúra singular; se adornarmos algumas delas, por exemplo, com coroas ou mantos de púrpura para tornar mais evidente a aparência, ou se as desfigurarmos maneira, por exemplo, introduzindo uma mancha de sangue ou nódoa de lama ou sujando-as de tinta vermelha para que assim seu aspecto seja mais impressionante; ou então, Atribuindo às imagens algo de ridículo, pois também isto permite-nos recordá-las mais facilmente. As coisas que recordamos quando são reais, igualmente as recordamos sem dificuldade quando são fictícias, se forem caracterizadas com cuidado. Mas será essencial percorrer, de quando em quando, com o pensamento, rapidamente, todos os lugares mentais originais, a fim de refrescar a recordação das imagens.³⁹

Após esta passagem Yates faz um comentário interessante para pensar *Orbis Pictus*. Fala da dificuldade em estudar a arte da memória, por que apesar dos tratados oferecerem as regras de composição de locais e imagens agentes, raramente eles oferecem uma aplicação concreta das regras. A tarefa do mestre é excitar o estudante a formar suas próprias imagens. Por outro lado, a própria Yates afirma a dificuldade de compreender tratados como o de Fludd, por exemplo, pois podem conter um código secreto de uma seita ou sociedade oculta. Como a dos irmãos rosa-cruz, por exemplo.

Chamamos atenção para este fato para propor um deslocamento do olhar que temos visto em relação à obra de Comenius. Podemos, por um lado, imaginar que Comenius criou um sistema mnemônico em *Orbis Pictus*. Não é um tratado da Arte da Memória, portanto, não é um método de ensino, quando muito é um material para ensino. Por outro, no entanto, podemos começar a perguntar: será que Comenius queria criar além de um sistema mnemônico um tratado de Arte da Memória? Como

39 A citação de Yates é do livro *La Arte de la Memoria*, p.22. Para a versão em português o texto de *Ad Herennium* contido na citação utilizamos a tradução de Almeida em *Cinema Arte da Memória*; p. 70.

podemos descobrir isso? Teria ele conseguido? De que forma a decepção com o movimento rosa-cruz – um movimento secreto e invisível –, manifesta em *Labirinto do Mundo*, permanece em *Orbis Pictus*? Nossa proposta é continuar a acompanhar Comenius, tentando verificar se há camadas de significado ocultas e secretas em sua obra.